

Bullying – A provocação/vitimação entre pares no contexto escolar português

SUSANA FONSECA DE CARVALHOSA (*)

LUÍSA LIMA (**)

MARGARIDA GASPAR DE MATOS (*)

1. INTRODUÇÃO

Neste estudo iremos abordar o que na literatura é referido como «bullying». Pela dificuldade de tradução desta palavra para uma com o mesmo significado na língua portuguesa iremos utilizar o termo original. Para facilitar a compreensão deste conceito podemos designar este fenómeno por «provocação /vitimação» ou «intimidação», apesar de nos trabalhos de Pereira, Almeida e Valente (1994) ter sido designado como «agressividade/violência».

Olweus (1991, 1993, 1994) definiu o conceito de bullying afirmando que «um aluno está a ser provocado/vitimado quando ele ou ela está exposto, repetidamente e ao longo do tempo, a acções negativas da parte de uma ou mais pessoas». Considera-se uma acção negativa quando alguém intencionalmente causa, ou tenta causar, danos ou mal-estar a outra pessoa (Olweus,

1994). Esse repetido importunar pode ser físico (e.g. Greenbaum, Turner & Stephens, 1988; Mellor, 1993; Peters & McMahon, 1996), verbal (e.g. Beck, 1995; Bosworth, Espelage & Simon, 1999; Sullivan, 2000), psicológico (e.g. Olweus, 1993; Pereira et al., 1994) e /ou sexual (Arnette & Walsleben, 1998; Batsche & Knoff, 1994).

O bullying pode ser conduzido por um indivíduo – o provocador ou agressor – ou por um grupo, e o alvo do bullying pode também ser um indivíduo – a vítima – ou um grupo (e.g. Mellor, 1990; Olweus, 1994; Sudermann, Jaffe & Schick, 2000; Whitney & Smith, 1993).

A reforçar a sua definição, o bullying é caracterizado pelos seguintes critérios: (i) a intencionalidade do comportamento (DeHaan, 1997; Olweus, 1993; Pereira et al., 1994), isto é, o comportamento tem um objectivo que é provocar mal-estar e ganhar controlo sobre outra pessoa; (ii) o comportamento é conduzido repetidamente e ao longo do tempo (Mellor, 1990; Olweus, 1994), isto é, este comportamento não ocorre ocasionalmente ou isoladamente, mas passa a ser crónico e regular; (iii) um desequilíbrio de poder é encontrado no centro da dinâmica do bullying (e.g. Olweus, 1993; Pereira et al., 1994), onde

(*) Faculdade de Motricidade Humana, Lisboa.

(**) Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias, Lisboa.

normalmente os agressores vêm as suas vítimas como um alvo fácil (DeHaan, 1997).

Os diversos autores, de modo a investigar este problema, têm operacionalizado este conceito nem sempre do mesmo modo. Isto é, em relação aos comportamentos abrangidos, uns só se referem à violência física e outros referem-se à física, à verbal e à psicológica, sendo poucos aqueles que referem a sexual; quanto ao número de intervenientes envolvidos, alguns não especificam que a provocação e a vitimação pode ocorrer individualmente ou em grupo; e no que diz respeito à duração do comportamento ao longo do tempo, alguns questionam sobre o último período escolar, outros sobre a totalidade da vida escolar, entre outros. Assim, de modo a investigar este problema, o conceito de bullying foi operacionalizado no presente trabalho da seguinte forma: «Deves entender uma acção de provocação quando um aluno (mais velho ou mais forte) ou um grupo de alunos, dizem ou fazem coisas desagradáveis a outro ou gozam com ele de uma forma que ele não gosta nada. Não é uma provocação quando dois alunos da mesma idade ou tamanho se envolvem numa discussão ou briga.»

1.1. Prevalência

Estudos em vários países revelam que os comportamentos de bullying são comuns (Bosworth et al., 1999) e que pelo menos 15% dos estudantes na escola estão envolvidos nesses comportamentos (Sudermann et al., 2000).

Em Portugal, são conhecidas as investigações de Pereira et al. (1994) relativas a dois Concelhos do Norte do país, segundo o qual 21% das crianças entre os 7 e os 12 anos nunca foram agredidas, 73% são agredidas «às vezes» e 5% «muitas vezes».

Diversas investigações indicam que os rapazes estão envolvidos no bullying, tanto como vítimas como provocadores, mais frequentemente do que as raparigas (e.g. Kuther & Fisher, 1998; Matos & Carvalhosa, 2001; Olweus, 1994).

A frequência do bullying diminui com o aumento dos anos de escolaridade (DeHaan, 1997; Olweus, 1993; Salmon, James & Smith, 1998). E os alunos mais novos são mais frequentemente vítimas e a frequência de serem ameaçados diminui à medida que aumenta a idade (e.g. Matos

& Carvalhosa, 2001; Olweus, 1994; Sullivan, 2000).

1.2. Características dos provocadores e das vítimas

De acordo com a definição de Boulton e Smith (1994), o provocador ou agressor é aquele que frequentemente implica com os outros, ou que lhes bate, ou que os arrelia ou que lhes faz outras coisas desagradáveis sem uma boa razão. Os agressores são caracterizados por agressão aos seus pares (Bosworth et al., 1999; Olweus, 1991), eles têm atitudes positivas para com a violência (Greenbaum et al., 1988; Olweus, 1994), têm maior probabilidade de se sentirem deprimidos (Kaltiala-Heino, Rimpelä, Marttunen, Rimpelä & Rantanen, 1999; Salmon et al., 1998). Em relação aos pares, os provocadores têm dificuldade em fazer amigos e têm poucos amigos, de acordo com Boulton (1999). No que diz respeito à escola, os agressores sentem-se infelizes na escola (Due, Holstein & Jorgensen, 1999; King, Wold, Tudor-Smith & Harel, 1996). Envolvem-se mais em comportamentos de risco para a saúde, tais como fumar (King et al., 1996), beber álcool em excesso (Due et al., 1999; King et al., 1996), usar drogas (DeHaan, 1997). Os que são os provocadores na escola têm maior probabilidade do que os outros em se envolverem na delinquência e na violência (Griffin, 1999; Pereira et al., 1994). Os provocadores tendem a pertencer a famílias que são caracterizadas como tendo pouco calor/carinho ou afecto, com problemas em partilhar os seus sentimentos e normalmente classificam-se como sentindo que existe uma maior distância emocional entre os membros da família (DeHaan, 1997). Os pais dos provocadores usam mais «deitar abaixo» e criticar do que elogiar e encorajar, e negligenciam em ensinar aos seus filhos que a agressão não é aceitável (Greenbaum et al., 1988; Olweus, 1991), tendem a usar disciplina inconsistente e pouca monitorização sobre onde os filhos estão ao longo do dia (Batsche & Knoff, 1994; Olweus, 1991) e têm skills de resolução de problemas pobres ou agressivos (Sudermann et al., 2000). Por vezes têm estilos de disciplina muito punitiva e rígida, com os castigos físicos a serem muito comuns (Greenbaum et al., 1988; Olweus, 1991).

Segundo a definição de Boulton e Smith (1994), a vítima é alguém com quem frequentemente implicam, ou que lhe batem, ou que a arremiam, ou que lhe fazem outras coisas desagradáveis sem uma boa razão. Verifica-se que as vítimas típicas (ou passivas) são mais deprimidas do que outros alunos (e.g. Kaltiala-Heino et al., 1999; Salmon et al., 1998). Apesar de fumarem e beberem menos do que os outros (Due et al., 1999), têm mais dores de cabeça e dores abdominais do que os outros (King et al., 1996; Williams, Chambers, Logan & Robinson, 1996). As vítimas também têm menos amigos (e.g. Olweus, 1994; Schwartz, McFadyen-Ketchum, Dodge, Pettit & Bates, 1999), têm maior dificuldade em fazer amigos (DeHaan, 1997; Sudermann et al., 2000) e isto porque sofrem de rejeição dos pares (Boulton & Smith, 1994; Schwartz et al., 1999). As vítimas acham a escola desagradável (Batsche & Knoff, 1994). As vítimas tendem a pertencer a famílias que são caracterizadas como tendo uma educação de restrição (Olweus, 1993) e excesso de protecção pelos pais (Olweus, 1994). Por seu lado, Schwartz, Dodge, Pettit e Bates (1997) afirma que o grupo das vítimas passivas não difere do grupo normativo em nenhuma variável do ambiente em casa e Bosworth et al. (1999) acrescentam que o tipo de família não é significativo.

Um grupo mais pequeno – 3% (Mellor, 1990), as vítimas provocativas (tanto provocadores como vítimas), que tentam retaliar quando são atacadas (Batsche & Knoff, 1994), são caracterizadas por uma variedade de reacções agressivas (Olweus, 1994; Schwartz et al., 1997). Egan e Perry (1998, citado por Schwartz et al., 1999) referem a existência de associações predictivas entre comportamento agressivo e aumentos na vitimação durante um ano escolar. As vítimas provocativas experienciam frequentemente a recusa pelos pares (Schwartz et al., 1997). Dodge (1991, citado por Schwartz et al., 1997) colocou a hipótese que abusos e rejeições pelos pares poderiam levar a comportamentos agressivos para com os pares e a vitimação pelos pares. Tendem, também, a exhibir desagrado pela escola (Rigby & Slee, 1993). Rigby e Slee (1993) revelam, ainda, uma associação significativa entre o bullying e maior frequência de sintomas físicos e psicológicos e fumar. O tipo de padrão de comportamento desregulado emocionalmente que

caracteriza as vítimas provocativas pode ser o resultado de exposição a violência (Schwartz et al., 1997) e abusos em casa (Dodge, Bates & Pettit, 1990), ou a pais punitivos que utilizam estratégias agressivas (Schwartz, et al., 1997) e que rejeitam (Dodge, Bates & Pettit, 1990). É de referir também as correlações positivas entre a vitimação no grupo de pares e a exposição a negativismo paternal e excesso de protecção materno (Olweus, 1993). Podemos então concluir que experiências precoces de vitimação, de violência e tratamento rígido pelos adultos serve para desregular a criança emocionalmente, levando posteriormente a uma ira hiper reactiva e à vitimação pelos pares (Schwartz et al., 1997). Adicionalmente, foram encontradas diferenças significativas no grupo vítima provocativas para o estatuto socio-económico (Schwartz et al., 1997): as vítimas provocativas tendem a ser de níveis socio-económicos mais baixos (Patterson, Kupersmidt & Vaden, 1990, citado por Schwartz et al., 1997).

O presente trabalho tem como principal finalidade estudar os comportamentos de bullying entre pares nas escolas de Portugal. A importância e relevância deste trabalho situa-se em podermos saber o que acontece com os jovens portugueses e nas nossas escolas, para que se possa actuar de um modo eficiente na prevenção deste tipo de comportamento.

Este estudo tem como principais objectivos caracterizar e diferenciar os jovens com diferentes tipos de envolvimento no bullying, através da construção de indicadores que, na literatura, aparecem relacionados com estes comportamentos (consumo de tabaco, álcool e droga, relação com os pais e com os pares, sintomas físicos e psicológicos, atitude face à escola, nível socio-económico). Para tal foram utilizados os dados do questionário «Comportamentos de Saúde em Jovens em Idade Escolar», afim de desenvolver uma versão reduzida. Os indicadores foram construídos através da avaliação da consistência interna e foi examinada a relação entre os indicadores e quatro grupos definidos em termos do comportamento de bullying: (a) nenhum envolvimento, (b) provocador, (c) vítima e (d) vítimas provocativas – simultaneamente vítimas e provocadores.

2. METODOLOGIA

2.1. *Sujeitos*

Os questionários foram recolhidos em 191 escolas nacionais, de ensino regular, com um total de 6903 alunos inquiridos. As escolas foram sorteadas de uma lista nacional, em primeiro lugar foram sorteados 6 concelhos de cada distrito e em segundo uma escola de cada um desses concelhos. Através de uma lista nacional de alunos inscritos por região e por anos de escolaridade, foi calculado o número de turmas. Deste modo, foram seleccionados alunos dos 6.º, 8.º e 10.º anos de escolaridade, correspondendo cada um destes anos, a uma idade média de 11, 13 e 16 anos.

No total da amostra, 53% dos jovens são do sexo feminino e 47% do sexo masculino, 34.9% frequentam o 6.º ano, 37.5% o 8.º ano e 27.6% o 10.º ano de escolaridade. É uma amostra representativa da população escolar dessas idades.

2.2. *Instrumentos*

O estudo «Health Behaviour of School-aged Children» (HBSC) trata-se de um estudo colaborativo da Organização Mundial de Saúde (OMS).

O questionário «Comportamento e Saúde em Jovens em Idade Escolar» utilizado neste estudo foi o adoptado no estudo europeu em 1998 (Currie, Hurrelmann, Settertobulte, Smith & Todd, 2000; Matos, Simões, Carvalhosa, Reis & Canha, 2000). Foram incluídas as questões demográficas e um conjunto adicional de questões sobre a imagem do corpo, a violência, o conhecimento e a atitude face ao VIH/SIDA, consumo de drogas ilícitas e representações dos factores de risco e protectores a ela associados e ainda a actividade física.

Apresenta assim um conjunto de questões relacionadas com expectativas para o futuro, história de consumos (consumo de álcool, tabaco e drogas), prática de exercício físico e tempos livres, hábitos alimentares e de higiene, bem estar e apoio familiar, ambiente na escola (amigos, professores e violência), imagem pessoal, queixas de sintomas psicológicos e somáticos e crenças e atitudes face ao VIH/SIDA. Para a versão reduzida do HBSC, o critério utilizado na cons-

trução dos indicadores, para a selecção dos itens era a contribuição para a consistência interna (coeficiente alfa de Cronbach). Foram aceites índices superiores a .63. Os indicadores finais estão descritos de seguida e apresentados no Quadro 1.

Bullying. A tradução portuguesa utilizada no questionário para «bullying» foi «provocação». Para nos assegurarmos de que os jovens compreendiam o que se pretendia dizer com provocação, eram convidados a ler o seguinte texto: «As questões que se seguem dizem respeito a situações de provocação. Deves entender uma acção de provocação quando um aluno (mais velho ou mais forte) ou um grupo de alunos, dizem ou fazem coisas desagradáveis a outro ou gozam com ele de uma forma que ele não gosta nada. Não é provocação quando dois alunos da mesma idade ou tamanho se envolvem numa discussão ou briga.» O comportamento de provocação era avaliado por duas perguntas, a primeira relativa à vitimação e a segunda à provocação. Os alunos foram questionados sobre quantas vezes neste período lectivo (a) «foste provocado na escola» e (b) «tomaste parte em provocações a outros estudantes». As opções de resposta incluíam: 1 = não a 5 = várias vezes durante a semana. Resultados elevados indicam elevado envolvimento em comportamentos de vitimação ou em comportamentos de provocação.

Violência fora da escola. Avaliada por 4 itens ($\alpha = .68$). Os alunos foram questionados sobre quantas vezes nos últimos 12 meses (a) «estiveste envolvido numa luta?», (b) «com quem lutaste?», (c) «estiveste envolvido numa luta na qual sofreste uma lesão e tiveste que ser tratado por um médico ou enfermeiro?» e «Nos últimos 30 dias, quantos dias andaste com uma arma, como por exemplo uma navalha ou uma pistola, para defesa pessoal?». As opções de resposta incluíam: 1 = não a 5 = várias vezes /pessoas /dias. Resultados elevados indicam elevada violência fora da escola.

Relação com os pais. Avaliada por 4 itens ($\alpha = .65$). Os sujeitos foram questionados sobre com que à vontade é que se sentem para falar sobre os temas que os preocupam com (a) «pai» e (b) «mãe», «se eu tiver problemas na escola, os meus pais estão prontos a ajudar» e «os meus pais encorajam-me a ter bons resultados». As opções de resposta incluíam: 1 = sempre/muito

QUADRO 1

Indicadores derivados do questionário «Comportamento e Saúde em Jovens em Idade Escolar»

Indicador	Itens	Significado	Alfa
VIOLÊNCIA FORA DA ESCOLA	Envolvido luta Com quem lutaste Sofrer lesão Andar com arma	Quanto menor é o valor deste indicador, não esteve envolvido em lutas.	0.68
PAIS	Falar com pai Falar com mãe Se problemas na escola, pais prontos a ajudar Encorajam-me a ter bons resultados	Quanto menor é o valor deste indicador, mais fácil é a comunicação com os pais.	0.65
PARES	Amigos íntimos Facilidade arranjar amigos Ficar depois das aulas Qualidade de comunicação com mesmo sexo Qualidade de comunicação com diferente sexo Colegas aceitam-se como sou Alunos gostam de estar juntos Colegas simpáticos Colegas não fizeram companhia	Quanto menor é o valor deste indicador, mais amigos ele tem.	0.63
DEPRESSÃO	Solidão Felicidade Depressão Posto de lado Sem apoio Auto-confiança	Quanto menor é o valor deste indicador, mais depressão ele sente.	0.75
SINTOMAS FÍSICOS E PSICOLÓGICOS	Dores de cabeça Dores de estômago Dores nas costas Irritabilidade Nervosismo Dificuldade em adormecer Tonturas	Quanto menor é o valor deste indicador, mais queixas ele sente.	0.69
TABACO E ÁLCOOL	Quantas vezes fumas Número de cigarros Frequência de cerveja Frequência de vinho Frequência de bebidas espirituosas Ficar embriagado	Quanto menor é o valor deste indicador, mais consome.	0.83
DROGA	Já alguma vez tomaste haxixe, erva Já alguma vez tomaste estimulantes Já alguma vez tomaste heroína, ópio Já alguma vez tomaste medicação usada como droga Já alguma vez tomaste cocaína Quantas vezes consumiste drogas no último mês	Quanto menor é o valor deste indicador, mais consome.	0.71
FACTORES DE PROTECÇÃO	Frequência de exercício físico Horas de exercício físico Achas-te saudável Gostarias de alterar corpo Corpo ideal Praticar exercício durante 20 min Desporto de equipa fora da escola	Quanto menor é o valor deste indicador, mais saudável.	0.65

(continua na página seguinte)

(continuação da página anterior)

ESCOLA	Gosta da escola Cansado de manhã Bom lugar Participam na decisão das regras Regras são justas Tratados com severidade Pertence à escola Professores: pontos de vista Professores: tratam com justiça Professores: ajudam Professores: interessam-se por mim Professores: esperam demais de mim É aborrecido Faltar às aulas Percepção de segurança	Quanto menor é o valor deste indicador, mais ele gosta da escola.	0.73
NÍVEL SOCIO-ECONÓMICO	Qual a profissão do teu pai Qual a profissão da tua mãe	Quanto menor é o valor deste indicador, maior é o nível socio-económico.	0.77

fácil a 5 = nunca/não tenho ou não vejo essa pessoa. Resultados baixos indicam boa relação com os pais.

Relação com os pares. Avaliada por 9 itens do HBSC ($\alpha = .63$), em que se questionavam os sujeitos sobre a qualidade da sua relação com os colegas (ex.: «é fácil ou difícil para ti arranjar novos amigos?»). As opções de resposta incluíam: 1 = muito fácil/sempre a 5 = muito difícil/nunca. Resultados baixos indicam boa relação com os pares.

Saúde mental. Foi avaliado em separado a frequência de sintomas de depressão (6 itens do HBSC, $\alpha = .75$) e as queixas de sintomas físicos e psicológicos (7 itens do HBSC, $\alpha = .68$). No que diz respeito à frequência de sintomas de depressão, os alunos foram questionados sobre, por exemplo, «Nos últimos seis meses com que frequência te sentiste deprimido». As opções de resposta incluíam: 1 = sempre a 5 = nunca. Resultados baixos indicam elevados sintomas de depressão. Relativamente às queixas de sintomas físicos e psicológicos, os alunos foram questionados sobre quantas vezes nos últimos 6 meses sentiram (a) «dores de cabeça», (b) «dores de estômago», (c) «dores nas costas», (d) «irritabilidade», (e) «nervosismo», (f) «dificuldade em adormecer» e (g) «tonturas». As opções de resposta incluíam: 1 = quase todos os dias a 5 = raramente ou nunca. Resultados baixos represen-

tam elevadas queixas de sintomas físicos e psicológicos.

Consumo de substâncias. Foi avaliado em separado o consumo de drogas (6 itens, $\alpha = .71$) e o de álcool e tabaco (6 itens, $\alpha = .83$). Relativamente ao consumo de drogas os alunos foram questionados sobre se alguma vez tinham tomado (a) «haxixe, erva», (b) «estimulantes», (c) «heroína, ópio, “crack”, morfina», (d) «medicação usada como droga», (e) «cocaína» e uma última questão em que eram inquiridos sobre «quantas vezes consumiste drogas no último mês?». As opções de resposta incluíam: 1 = sim/várias vezes e 2 = não/nenhuma. Resultados baixos indicam elevados consumos de drogas. Relativamente ao consumo de tabaco e álcool, os alunos foram questionados sobre «quantas vezes fumas tabaco presentemente?», «quantos cigarros fumas por semana?», com que frequência bebes (a) «cerveja», (b) «vinho» e (c) «bebidas espirituosas» e «já alguma vez ficaste embriagado?». As opções de resposta incluíam: 1 = todos os dias a 5 = nunca. Resultados baixos indicam elevados consumos de tabaco e álcool.

Factores de protecção. Considerámos como factores de protecção aqueles comportamentos que promovam a saúde, como a prática de exercício físico ou a imagem corporal. Avaliado por 7 itens ($\alpha = .65$). Os sujeitos eram questionados sobre, por exemplo, «Fora das horas da escola,

quantas vezes costumas fazer exercício físico suficiente para ficares ofegante e a transpirares?». Resultados baixos indicam elevados factores de protecção.

Atitudes face à escola. Foi avaliado por 15 itens ($\alpha = .73$). Os sujeitos eram questionados sobre a sua escola, como por exemplo «presentemente, o que sentes pela escola?». As respostas incluíam sempre 5 opções: 1 = sempre a 5 = nunca. Resultados baixos indicam uma atitude favorável face à escola.

Expectativas futuras. Avaliada por 1 item. Os alunos foram questionados sobre «o que pensas fazer quando acabares a escolaridade obrigatória?». As opções de resposta incluíam: 1 = continuar os estudos (universidade ou instituto), 2 = continuar os estudos (curso técnico ou profissional), 3 = formação profissional ou negócio, 5 = arranjar emprego, 6 = ficar desempregado e 6 = não sei. Resultados baixos indicam elevadas expectativas de futuro.

Caracterização socio-demográfica. Para além do sexo (opções de resposta: 1 = rapaz e 2 = rapariga), escolaridade, idade, e o número de pessoas que moram em casa, era avaliado o nível socio-económico da família por 2 itens referentes à profissão do pai e da mãe. As respostas abertas a esta questão foram codificadas de acordo com as 5 categorias da Escala de Graffar para a profissão (1.º nível – licenciados, directores de empresas, profissionais com títulos universitários e militares de alta patente; 2.º nível – chefes de secção administrativas, subdirectores, peritos e técnicos; 3.º nível – adjuntos técnicos, desenhadores, caixeiros, contra-mestres, oficiais de primeira, encarregados, capatazes e mestres de obras; 4.º nível – operários especializados, motoristas, polícias, cozinheiros, dactilógrafos; 5.º nível – trabalhadores manuais ou operários não especializados, jornaleiros, porteiros, contínuos, ajudantes de cozinha, mulheres de limpeza), e apresentam um nível aceitável de consistência interna ($\alpha = .77$). Resultados baixos indicam elevado nível socio-económico.

3. RESULTADOS

Para efeitos de análise e tratamento estatístico dos dados, foram utilizados diversos procedimentos e análises, disponíveis no programa «Sta-

tistical Package for Social Sciences – SPSS – Windows» (versão 9.0).

3.1. Comportamento de bullying

47.4% dos sujeitos afirmam já ter sido vítimas de bullying e 36.2% já terem provocado colegas mais novos ou mais fracos.

De acordo com as respostas às questões relativas à participação em comportamentos de bullying, os sujeitos foram distribuídos em quatro grupos: os que não relatam envolvimento (resposta «não» às questões de vitimação e de provocação), os que se definem como provocadores (responderam «uma vez ou mais» à questão de provocação), os que se definem como vítimas (responderam «uma vez ou mais» à questão de vitimação) e os que se definem como simultaneamente vítimas e provocadores (resposta «uma vez ou mais» às questões de vitimação e de provocação). A distribuição da totalidade da amostra pelos 4 grupos assim definidos encontra-se no Quadro 2. A maioria dos sujeitos descreve-se como estando envolvida em comportamentos de bullying (57.5%), e destes apenas 10% se define unicamente como provocador. Os rapazes estão sempre mais envolvidos do que as raparigas em comportamentos de bullying ($\chi^2=373.80$, g.l.=3, $p<.001$). Os mais novos ($\chi^2=212.87$, g.l.=6, $p<.001$) e os que frequentam anos de escolaridade mais baixos ($\chi^2=257.05$, g.l.=6, $p<.001$) estão significativamente mais envolvidos em comportamentos de vitimação e em comportamentos de duplo envolvimento (como vítimas e como provocadores).

3.2. Perfil diferencial dos quatro tipos de envolvimento com o bullying

Para analisar a relação entre os diversos indicadores e o comportamento de bullying, foi utilizada a análise da variância (One-Way ANOVA) para comparar os quatro grupos previamente definidos: (a) provocadores, (b) vítimas, (c) vítimas provocativas e (d) nenhum envolvimento. O Quadro 3 mostra as médias dos quatro grupos nas variáveis consideradas, bem como as comparações Post-hoc (utilizando o teste de Tukey, $p<.05$).

Violência fora da escola. Foram encontradas diferenças significativas entre os quatro grupos

QUADRO 2

Distribuição dos sujeitos pelos 4 grupos, comparação por sexo, idade e por nível de escolaridade

Nenhum envolvimento			Provocador			Vítima			Vítimas provocativas		
42.5%			10.2%			21.4%			25.9%		
M	F		M	F		M	F		M	F	
30.9%	52.8%		11.2%	9.2%		23.6%	19.5%		34.3%	18.5%	
11	13	16	11	13	16	11	13	16	11	13	16
39.0%	35.7%	51.7%	7.8%	10.5%	11.7%	24.1%	22.1%	18.8%	29.1%	31.7%	17.8%
6.º	8.º	10.º	6.º	8.º	10.º	6.º	8.º	10.º	6.º	8.º	10.º
37.3%	37.5%	55.8%	8.3%	11.1%	11.2%	23.4%	22.2%	17.9%	31.0%	29.3%	15.1%

QUADRO 3

Médias das variáveis consideradas nos quatro grupos de sujeitos

Grupos:	Nenhum envolvimento	Provocador	Vítima	Vítimas provocativas
INDICADORES:	M (d.p.)	M (d.p.)	M (d.p.)	M (d.p.)
VIOLÊNCIA FORA DA ESCOLA	1.62 _a (1.43)	2.57 _b (2.30)	2.20 _c (1.88)	3.44 _d (2.53)
RELAÇÃO COM OS PAIS	6.95 _a (2.42)	7.40 _{b,c} (2.65)	7.27 _b (2.62)	7.54 _c (2.58)
RELAÇÃO COM OS PARES	16.60 _a (4.23)	16.19 _a (4.33)	17.79 _b (4.69)	17.58 _b (4.53)
SAÚDE MENTAL (DEPRESSÃO)	23.96 _a (4.23)	23.33 _b (4.33)	22.82 _b (4.69)	22.37 _c (4.53)
SAÚDE MENTAL (SINTOMAS FÍSICOS E PSICOLÓGICOS)	4.26 _a (.67)	4.11 _b (.75)	4.10 _b (.75)	4.02 _c (.76)
CONSUMO DE DROGA	11.92 _a (.40)	11.77 _b (.80)	11.90 _a (.48)	11.86 _c (.59)
CONSUMO DE TABACO E ÁLCOOL	28.77 _a (3.35)	27.18 _b (4.41)	28.85 _a (4.84)	27.97 _c (4.92)
FACTORES DE PROTECÇÃO	21.40 _a (4.88)	20.25 _b (4.41)	20.70 _{a,b} (4.84)	20.01 _b (4.92)
ATITUDE FACE À ESCOLA	33.09 _a (7.50)	35.65 _b (8.69)	34.49 _c (8.06)	35.74 _b (8.03)
EXPECTATIVAS FUTURAS	1.98 _a (1.71)	2.27 _{b,c} (1.80)	2.29 _b (1.87)	2.47 _c (1.91)
NÍVEL SOCIO-ECONÓMICO	6.60 _a (2.36)	6.86 _b (2.21)	6.75 _b (2.34)	6.94 _b (2.25)
SEXO	1.66 _a (.47)	1.48 _b (.50)	1.48 _b (.50)	1.38 _c (.49)
IDADE	14.35 _a (1.78)	14.39 _a (1.62)	13.94 _b (1.69)	13.81 _b (1.58)
ESCOLARIDADE	2.06 _a (.82)	2.03 _a (.77)	1.86 _b (.77)	1.75 _c (.72)
NÚMERO PESSOAS/CASA	3.77 _a (1.66)	3.84 _{a,b} (1.78)	3.75 _a (1.68)	3.93 _b (1.72)

a, b, c, d – Médias com letras desiguais correspondem a grupos significativamente diferentes para $p < 0.05$, de acordo com o teste post-hoc de Tukey

ao nível da violência fora da escola ($F(3,6405) = 303.48$, $p < .001$). O grupo sem envolvimento apresenta níveis de violência fora da escola mais baixos ($M = 1.62$) do que qualquer dos outros grupos, enquanto que o grupo com vítimas provocadoras apresenta níveis de violência fora da escola mais elevados do que o qualquer outro ($M = 3.44$). Os dois outros grupos apresentam níveis intermédios de violência fora da escola, sendo no entanto mais elevados os valores para os provocadores ($M = 2.57$) do que para as vítimas ($M = 2.20$).

Relação com os pais. Foram encontradas diferenças significativas entre os grupos em função da relação com os pais ($F(3,6502) = 20.77$, $p < .001$). O grupo sem envolvimento apresenta melhor relação com os pais ($M = 6.95$) do que qualquer dos outros grupos (provocador: $M = 7.40$; vítima: $M = 7.27$ e vítimas provocadoras: $M = 7.54$). O grupo das vítimas apresenta níveis de relação com os pais mais elevados do que o grupo com vítimas provocadoras.

Relação com os pares. Foram encontradas diferenças significativas entre os grupos em função da relação com os pares ($F(3,6347) = 36.17$, $p < .001$). O grupo sem envolvimento e o grupo dos provocadores ($M = 16.60$ e $M = 16.19$ respectivamente) apresentam melhor relação com os pares do que outros grupos (vítima: $M = 17.79$ e vítimas provocadoras: $M = 17.58$).

Saúde mental. Foram encontradas diferenças significativas entre os grupos em função da saúde mental, tanto ao nível da frequência de sintomas de depressão ($F(3,6520) = 50.58$, $p < .001$) como das queixas de sintomas físicos e psicológicos ($F(3,6512) = 42.01$, $p < .001$). Em ambos os casos o perfil de resultados é idêntico: o grupo sem envolvimento apresenta níveis de saúde mental mais elevados do que qualquer dos outros grupos, e o grupo dos provocadores e o grupo das vítimas apresentam níveis de saúde mental mais elevados do que o grupo com vítimas provocadoras.

Consumo de substâncias. Foram encontradas diferenças significativas entre os grupos em função do consumo de drogas ($F(3,6992) = 44.59$, $p < .001$) e em função do consumo de tabaco e álcool ($F(3,5982) = 46.51$, $p < .001$). O grupo dos provocadores apresenta níveis de consumo de droga e de tabaco e álcool mais elevados do que o grupo sem envolvimento ($M = 11.92$ e $M =$

28.77, respectivamente), do que o grupo das vítimas ($M = 11.90$ e $M = 28.85$) e do que o grupo com vítimas provocadoras ($M = 11.86$ e $M = 27.97$).

Factores de protecção. Foram encontradas diferenças significativas entre os grupos em função dos factores de protecção ($F(3,1845) = 8.29$, $p < .001$). O grupo dos sem envolvimento apresenta níveis menos elevados ($M = 21.40$) de factores de protecção do que outros grupos (provocador: $M = 20.25$ e vítimas provocadoras: $M = 20.01$).

Atitude face à escola. Foram encontradas diferenças significativas entre os grupos em função da atitude face à escola ($F(3,6318) = 45.65$, $p < .001$). O grupo sem envolvimento apresenta a melhor atitude face à escola ($M = 33.09$) e o grupo com vítimas provocadoras é o que apresenta a pior atitude face à escola ($M = 35.74$). Dentro dos grupos com valores intermédios, os provocadores ($M = 35.65$) têm uma atitude menos positiva face à escola do que o grupo das vítimas ($M = 34.49$).

Caracterização socio-demográfica. Foram encontradas diferenças significativas entre os grupos em função do sexo ($F(3,6803) = 131.76$, $p < .001$). O grupo sem envolvimento ($M = 1.66$) apresenta resultados mais elevados do que outros grupos (provocadores: $M = 1.48$, vítimas: $M = 1.48$ e vítimas provocadoras: $M = 1.38$). O grupo com vítimas provocadoras apresenta resultados mais baixos do que o grupo dos provocadores e do que o grupo das vítimas. Foram encontradas diferenças significativas entre os grupos em função do ano de escolaridade ($F(3,6800) = 68.18$, $p < .001$). O grupo sem envolvimento ($M = 2.06$) e o grupo dos provocadores ($M = 2.03$) apresentam resultados mais elevados do que outros grupos (vítimas: $M = 1.86$ e vítimas provocadoras: $M = 1.75$). O grupo com vítimas provocadoras apresenta resultados mais baixos do que o grupo das vítimas. Foram encontradas diferenças significativas entre os grupos em função da idade ($F(3,6718) = 46.63$, $p < .001$). O grupo sem envolvimento ($M = 14.35$) e o grupo dos provocadores ($M = 14.39$) apresentam resultados mais elevados do que outros grupos (vítimas: $M = 13.94$ e vítimas provocadoras: $M = 13.81$). Foram encontradas diferenças significativas entre os grupos em função do número de pessoas que mora em casa ($F(3,6803) = 4.25$, $p < .005$). O

grupo com vítimas provocadoras ($\underline{M} = 3.93$) apresenta resultados mais elevados do que outros grupos (vítimas: $\underline{M} = 3.75$ e sem envolvimento: $\underline{M} = 3.77$). Foram encontradas diferenças significativas entre os grupos, sem envolvimento e com vítimas provocadoras, em função do nível socio-económico ($F(3,3177) = 4.08, p < .007$). O grupo sem envolvimento apresenta resultados mais baixos ($\underline{M} = 6.60$) que correspondem a um maior nível socio-económico do que o grupo com vítimas provocadoras ($\underline{M} = 6.94$).

Da análise destes resultados podemos concluir que o grupo dos provocadores não se diferencia do grupo das vítimas no que diz respeito à saúde mental, à relação com os pais, às expectativas futuras, ao sexo e ao número de pessoas que mora em casa. Mas o grupo dos provocadores tem melhores relações com os pares, mostra mais consumos de droga e de tabaco e álcool, exhibe mais comportamentos de violência fora da escola, pratica mais exercício físico e tem melhor imagem corporal e apresenta atitudes mais negativas face à escola do que as vítimas. E ainda relativamente à idade e ao ano de escolaridade, o grupo dos provocadores é mais velho e estão em anos de escolaridade superiores do que o grupo das vítimas.

O grupo das vítimas provocativas não se diferencia do grupo das vítimas relativamente à relação com os pares e à idade. Mas o grupo das vítimas provocativas revela mais comportamentos de violência fora da escola, tem uma pior relação com os pais, apresenta mais sintomas de depressão e de queixas de sintomas físicos e psicológicos, consome mais drogas, tabaco e álcool, tem uma atitude face à escola e expectativas de futuro mais desfavoráveis, têm um nível de escolaridade inferior e um maior número de pessoas a viver em casa do que o grupo das vítimas. O grupo das vítimas provocativas ainda se diferencia do grupo das vítimas relativamente ao sexo.

O grupo das vítimas provocativas não se diferencia do grupo dos provocadores relativamente à relação com os pais, à prática de exercício físico e à imagem corporal, à atitude face à escola, às expectativas futuras e ao número de pessoas que mora em casa. Mas o grupo das vítimas provocativas relata mais comportamentos de violência fora da escola, piores relações com os pares, mais sintomas de depressão e de queixas

de sintomas físicos e psicológicos, menores consumos de drogas, tabaco e álcool, são mais novos e estão em anos de escolaridade inferior do que o grupo dos provocadores. O grupo das vítimas provocativas ainda se diferencia do grupo dos provocadores relativamente ao sexo.

Ainda o grupo das vítimas provocadoras tem um nível socio-económico mais baixo do que o grupo sem envolvimento.

3.3. Predição dos comportamentos de provocação e de vitimação

Os resultados da análise de regressão múltipla para a predição do comportamento de provocação e de vitimação a partir dos indicadores (Beta padronizados) podem ser observados no Quadro 4.

A violência fora da escola, a atitude face à escola, a idade, o nível socio-económico, o sexo, a saúde mental (sintomas físicos e psicológicos) e o consumo de tabaco e álcool explicam 12.3% da variância do comportamento de provocação ($R^2_{aj} = .123, F(7,2084) = 42.93, p < .001$).

A violência fora da escola, a relação com os pares, a saúde mental (sintomas físicos e psicológicos), a saúde mental (depressão), a relação com os pais, a idade, o sexo, o nível socio-económico e a atitude face à escola explicam 18.4% da variância do comportamento de vitimação ($R^2_{aj} = .184, F(9,2080) = 53.37, p < .001$).

Podemos concluir, do presente estudo, que os jovens que mais frequentemente referem não se envolver em comportamentos de bullying são as raparigas, os mais velhos e os que frequentam um nível de escolaridade mais elevado. Este grupo sem envolvimento no bullying ainda se caracteriza por ser diferente do grupo dos provocadores ou do grupo das vítimas nos indicadores relativos à violência fora da escola, à relação com os pais, à saúde mental (sintomas de depressão e queixas físicas e psicológicas), à atitude face à escola, às expectativas de futuro e ao nível socio-económico.

Por seu lado, no grupo dos provocadores encontram-se com maior frequência os rapazes e os mais velhos e no grupo das vítimas os mais novos de idade e os que têm uma menor escolaridade e também os rapazes. Os indicadores que diferenciam estes dois grupos são a violência

QUADRO 4
Coefficientes de regressão padronizados (Betas) das equações de regressão que prevêem os comportamentos de provocação e de vitimação

Indicador	Provocação	Vitimação
VIOLÊNCIA FORA DA ESCOLA	.237**	.201**
RELAÇÃO COM OS PAIS	0.37	-.069*
RELAÇÃO COM OS PARES	.004	.145**
SAÚDE MENTAL (DEPRESSÃO)	-.033	-.146**
SAÚDE MENTAL (SINTOMAS FÍSICOS E PSICOLÓGICOS)	-.059*	-.077**
CONSUMO DE DROGA	-.012	.001
CONSUMO DE TABACO E ÁLCOOL	-.056*	.045
ATITUDE FACE À ESCOLA	.094**	.054*
NÍVEL SOCIO-ECONÓMICO	.061*	.047*
SEXO	-.077**	-.141**
IDADE	-.122**	-.180**
NÚMERO DE PESSOAS QUE MORA EM CASA	.008	-.003

** P < .001; * P > .05

fora da escola, a relação com os pares, os consumo de drogas, tabaco e álcool e a atitude face à escola. Ainda em relação a estes dois grupos – provocadores e vítimas, os determinantes encontrados para os comportamentos de provocação foram a violência fora da escola, as queixas físicas e psicológicas, o consumo de tabaco e álcool, a atitude face à escola, o nível socio-económico, o sexo e a idade. Por sua vez, os determinantes encontrados para os comportamentos de vitimação foram a violência fora da escola, a relação com os pais e os pares, os sintomas de depressão e as queixas físicas e psicológicas, a atitude face à escola, o nível socio-económico, o sexo e a idade.

Podemos com este estudo constatar quais as características e quais as principais diferenças entre os jovens portugueses com diferentes tipos

de envolvimento em comportamentos de bullying na escola.

4. DISCUSSÃO

O estudo apresentado caracteriza os comportamentos de bullying em contexto escolar. Os resultados mostram que, no último período lectivo antes da aplicação do questionário, cerca de 21% dos jovens foram vitimados «alguma vez ou mais» e 10% provocaram outros. Cerca de metade da população em estudo não se envolveu nestes comportamentos e apenas 26% se envolveu duplamente.

Estes dados da população portuguesa são diferentes daqueles relatados por Pereira et al. (1994) devido à diferença de idade e de escolaridade das amostras. O estudo destes autores que

se refere a crianças entre os 7 e os 12 anos, apresenta uma percentagem menor de crianças que nunca foram agredidas e uma percentagem maior de crianças agredidas, em relação ao nosso estudo. Mas este dado vem também confirmar que os alunos mais novos são mais frequentemente vítimas do que os alunos mais velhos.

Os resultados encontrados no nosso estudo são consistentes com a literatura no que diz respeito à diferença de sexos e à diferença de idade e escolaridade: os rapazes envolvem-se mais em comportamentos de provocação, vitimação e envolvimento duplo; também alunos mais novos são mais frequentemente vítimas e a frequência de serem ameaçados diminuiu à medida que aumenta a idade.

No que diz respeito às características dos provocadores, verificou-se que estes têm índices de violência fora da escola maiores que as vítimas, têm piores relações com os pais do que o grupo sem envolvimento (tal como referem Schwartz et al., 1997), que são aqueles que de todos os grupos – nenhum envolvimento, provocador, vítima e envolvimento duplo – revelam melhores relações com os seus pares, ao contrário do que alguns autores sugerem (e.g., Boulton, 1999; Greenbaum et al., 1988). Têm mais sintomas de depressão e maiores queixas de sintomas físicos e psicológicos do que o grupo sem envolvimento (confirma os resultados de Forero, McLellan, Rissel & Bauman, 1999; Salmon et al., 1998), são os maiores consumidores de drogas e de tabaco e álcool (também referido por Due et al., 1999; King et al., 1996), relativamente ao grupo sem envolvimento praticam mais exercício físico e têm melhor imagem corporal. Têm uma atitude desfavorável em relação à escola quando comparados com as vítimas (e.g., Bosworth et al., 1999; King et al., 1996) e menores expectativas de futuro quando comparados com o grupo sem envolvimento, são o grupo dos alunos mais velhos (e.g., Olweus, 1991, 1993, 1994; Whitney & Smith, 1993) e têm mais escolaridade que as vítimas (e.g., Olweus, 1994; Sudermann et al., 2000).

Em relação às características das vítimas, verificou-se que são aquelas que têm piores relações com pares (tal como referem Olweus, 1994; Schwartz et al., 1999) e com os pais quando comparados com o grupo sem envolvimento. Têm mais sintomas de depressão e maiores sin-

tomas físicos e psicológicos (confirmando os estudos de Griffin, 1999; Pereira et al., 1994), consomem menos drogas, praticam mais exercício físico e têm melhor imagem corporal. Têm uma atitude mais desfavorável em relação à escola do que o grupo sem envolvimento (e.g., Batsche & Knoff, 1994; Boulton & Smith, 1994; DeHaan, 1997), são os que menos tabaco e álcool consomem (e.g., Due et al., 1999), apresentam menores expectativas de futuro, são o grupo dos alunos mais novos (e.g., Olweus, 1991, 1993, 1994; Salmon et al., 1998) e têm menos escolaridade que os provocadores (e.g., Olweus, 1993; Sudermann et al., 2000).

Quanto às características dos jovens com envolvimento duplo, verificou-se que têm índices de violência fora da escola maiores do que todos os outros grupos, têm piores relações com os pais do que o grupo sem envolvimento (também referido por Olweus, 1993 e por Schwartz et al., 1997) e são aqueles que têm piores relações com pares (e.g., Schwartz et al., 1997). São os que exibem, de todos os grupos, mais sintomas de depressão (e.g., Kaltiala-Heino et al., 1999) e apresentam mais queixas de sintomas físicos e psicológicos (e.g., Rigby & Slee, 1993). Conso- mem mais drogas do que as vítimas e do que os sem envolvimento, consomem mais tabaco (e.g., Rigby & Slee, 1993) e álcool do que as vítimas, são aqueles que mais exercício físico praticam e que têm melhor imagem corporal. São os que têm a atitude face à escola mais desfavorável (e.g., Rigby & Slee, 1993), têm menores expectativas de futuro quando comparados com o grupo das vítimas e com o grupo sem envolvimento, têm um nível socio-económico mais baixo do que o grupo sem envolvimento (e.g., Schwartz et al., 1997), são o grupo dos alunos mais novos e têm menos escolaridade.

Podemos assim afirmar que o grupo com envolvimento duplo é aquele onde se verifica existirem maiores factores de risco, isto porque se envolvem mais em comportamentos de violência fora da escola, revelam mais queixas de depressão e de sintomas físicos e psicológicos. Este perfil mostra a necessidade de se proporcionar a estes jovens acompanhamento adequado, uma vez que de acordo com Spence e Matos (2000), os factores de risco parecem ter um efeito não apenas aditivo, mas multiplicativo, ou seja a probabilidade aumenta consideravelmente quando

aumenta o número de factores de risco que afectam o jovem.

Podemos constatar que os determinantes dos comportamentos de provocação são sexo, idade, violência fora da escola, atitude face à escola, queixas de sintomas físicos e psicológicos, consumos de tabaco e álcool e nível socio-económico. Para os comportamentos de vitimação, os determinantes são sexo, idade, violência fora da escola, relação com os pares, sintomas de depressão e queixas de sintomas físicos e psicológicos, relação com os pais, atitude face à escola e nível socio-económico. Assim, os determinantes dos comportamentos de provocação e de vitimação, revelam um mal-estar e uma falta de saúde positiva entre os jovens envolvidos no bullying. Pelo contrário é de realçar que os jovens devem possuir saúde positiva e um bem-estar de modo a não se envolverem nestes tipos de comportamento. Ainda, em relação à análise do padrão de comportamentos dos jovens que se encontram duplamente envolvidos, é de realçar um exagero de mal-estar, como já foi referido.

A violência fora da escola ser um determinante dos comportamentos de provocação e de vitimação, explica que também fora da escola os indivíduos se envolvem em comportamentos anti-sociais. Isto dá-nos a entender a dimensão que este problema pode atingir se não forem tomadas medidas adequadas para o prevenir.

Uma outra sugestão que estes resultados nos fornecem é a de que enquanto os consumos de produtos como tabaco e álcool conduzem à provocação, são os sintomas de depressão, a relação com pares e com pares que levam à vitimação. Isto é, é notória a diferença entre o tipo de comportamento externalizante dos provocadores e o internalizante das vítimas.

A escola, segundo Pereira et al. (1994), deve ser um local de bem-estar e de aprendizagem, então a escola deve ser um dos principais mobilizadores do combate ao bullying afim de os jovens se poderem sentir bem e de poderem realizar as suas aprendizagens. Isto que vai estar de acordo com a medida 13 das recomendações da O.M.S., segundo a qual «no ano 2015, os habitantes da região europeia deverão ter maiores oportunidades para viver em envolvimento físico e sociais mais saudáveis, tanto em casa como na escola, no local de trabalho e na comunidade local». É pois determinante o papel das

escolas na promoção da saúde e na prevenção da violência.

Em conclusão, este estudo vem realçar as características dos jovens que provocam outros na escola e dos que são provocados e os factores que diferenciam e que determinam estes dois tipos de comportamentos, de modo que as intervenções a serem feitas para parar os comportamentos de bullying sejam adequadas e direccionadas para as características dos nossos jovens e não somente baseados em experiências de outros países.

Daqui surge uma proposta para investigações futuras, julgamos ser pertinente a realização de estudos futuros com o objectivo de construir um modelo estrutural, com base na literatura, para os comportamentos de vitimação e de provocação. Ainda sugerimos a utilização de instrumentos, como o Questionário Provocador/Vítima de Olweus, para mais facilmente se poderem comparar estudos sobre o bullying sem diferenças na operacionalização deste conceito.

REFERÊNCIAS

- Arnette, J., & Walsleben, M. (1998). *Combating fear and restoring safety in schools*. Retirado em 30 de Maio de 2000 da World Wide Web: www.tyc.state.tx.us
- Batsche, G. M., & Knoff, H. M. (1994). *Bullies and their victims understanding a pervasive problem in the schools*. Retirado em 9 de Setembro de 1999 da World Wide Web: ector.colorado.edu
- Beck, G. (1995). *Bullying among young offenders in custody*. Retirado do PsycLIT: Bullying and Delinquency.
- Bosworth, K., Espelage, D., & Simon, T. (1999). Factors associated with bullying behavior in middle school students. *Journal of Early Adolescence*, 19 (3), 341-362.
- Boulton, M. (1999). Concurrent and longitudinal relations between children's playground behavior and social preference, victimization, and bullying. *Child Development*, 70 (4), 944-954.
- Boulton, M. J., & Smith, P. K. (1994). *Bully victim problems in middle-school children: stability, self-perceived competence, peer perceptions and peer acceptance*. Retirado em 9 de Setembro de 1999 da World Wide Web: ector.colorado.edu
- Currie, C., Hurrelmann, K., Settertobulte, W., Smith, R., & Todd, J. (2000). *Health and health behaviour among young people*. HEPCA series: World Health Organization.

- DeHaan, L. (1997). *Bullies*. Retirado em 24 de Maio de 2000 da World Wide Web: ndsuxt.nodak.edu
- Dodge, K. A., Bates, J. E., & Pettit, G. S. (1990). Mechanisms in the cycle of violence. *Science*, 250, 1678-1683.
- Due, E., Holstein, B., & Jorgensen, P. (1999). *Bullying as health hazard among school children*. Retirado em 14 de Fevereiro de 2000 da World Wide Web: www.ncbi.nlm.nih.gov:80
- Forero, R., McLellan, L., Rissel, C., & Bauman, A. (1999). *Bullying behaviour and psychosocial health among students in New South Wales, Australia: cross sectional survey*. Retirado em 2 de Fevereiro de 2000 da World Wide Web: www.bmj.com
- Greenbaum, S., Turner, B., & Stephens, R. (1988). *Set straight on bullies*. Retirado em 9 de Setembro de 1999 da World Wide Web: ector.colorado.edu
- Griffin, H. T. (1999). *School bullies the target of new prevention program*. Retirado em 23 de Maio de 2000 da World Wide Web: www.ministers.sa.gov.au
- Kaltiala-Heino, R., Rimpelä, M., Marttunen, M., Rimpelä, A., & Rantanen, P. (1999). Bullying, depression, and suicidal ideation in Finnish adolescents: school survey. *British Medical Journal*, 319, 348-351.
- King, A., Wold, B., Tudor-Smith, C., & Harel, Y. (1996). *The health of youth: A cross-national survey*. Canada: World Health Organization.
- Kuther, T. L., & Fisher, C. B. (1998). Victimization by community violence in young adolescents from a suburban city. *Journal of Early Adolescence*, 18 (1), 53-76.
- Matos, M., & Carvalhosa, S. (2001). *Violência na escola: vítimas, provocadores e outros*. 2, 1. FMH/PEPT/GPT.
- Matos, M., Simões, C., Carvalhosa, S., Reis, C., & Canha, L. (2000). *A saúde dos adolescentes portugueses*. Faculdade de Motricidade Humana/PEPT-Saúde/GPT da CMLisboa.
- Mellor, A. (1990). *Bullying in Scottish secondary schools*. Retirado em 1 de Setembro de 1999 da World Wide Web: www.scre.ac.uk
- Mellor, A. (1993). *Finding out about bullying*. Retirado em 1 de Setembro de 1999 da World Wide Web: www.scre.ac.uk
- Mellor, A. (1997). *Bullying at school – advice for families*. Retirado em 1 de Setembro de 1999 da World Wide Web: www.scre.ac.uk
- Olweus, D. (1991). *Bully/Victim problems among schoolchildren: Basic facts and effects of a school-based intervention program*. Retirado em 9 de Setembro de 1999 da World Wide Web: ector.colorado.edu
- Olweus, D. (1993). *Bullying at school*. Oxford e Cambridge: Blackwell.
- Olweus, D. (1994). Annotation: bullying at school: basic facts and effects of a school based intervention program. *Journal of Psychology and Psychiatry*, 43 (7), 1171-1190.
- Pereira, B., Almeida, A., & Valente, L. (1994). *Projecto “bullying” – análise preliminar das situações de agressão no Ensino Básico*. Comunicação apresentada no 6.º Encontro Nacional de Ludotecas e Espaços de Jogo ao Ar Livre, Lisboa, Portugal.
- Peters, R., & McMahon, R. (Eds.) (1996). *Preventing childhood disorders, substance abuse, and delinquency*. New York: Sage Publications.
- Rigby, K., & Slee, P. T. (1993). *Dimensions of interpersonal relation among Australian children and implications for psychological well-being*. Retirado em 16 de Fevereiro de 2000 da World Wide Web: www.ncbi.nlm.nih.gov
- Salmon, G., James, A., & Smith, D. M. (1998). *Bullying in schools: self reported anxiety, depression, and self esteem in secondary school children*. Retirado em 16 de Fevereiro de 2000 da World Wide Web: www.bmj.com
- Schwartz, D., Dodge, K. A., Pettit, G. S., & Bates, J. E. (1997). The early socialization of aggressive victims of bullying. *Child Development*, 68 (4), 665-675.
- Schwartz, D., McFadyen-Ketchum, S., Dodge, K. A., Pettit, G. S., & Bates, J. E. (1999). Early behavior problems as a predictor of later peer group victimization: moderators and mediators in the pathways of social risk. *Journal of Abnormal Child Psychology*, 27 (3), 191-201.
- Spence, S., & Matos, M. (2000). Intervenções preventivas com crianças e adolescentes. In M. Matos, C. Simões, & S. Carvalhosa (Org.), *Desenvolvimento de competências de vida na prevenção do desajustamento social*. Lisboa: IRS/MJ.
- Sudermann, M., Jaffe, P., & Schick, E. (2000). *Bullying information*. Retirado em 23 de Maio de 2000 da World Wide Web: www.yrbe.edu.on.ca
- Sullivan, K. (2000). *The anti-bullying handbook*. Oxford University Press: Auckland.
- Whitney, I., & Smith, P. K. (1993). *A survey of the nature and extent of bullying in junior middle and secondary schools*. Retirado em 9 de Setembro de 1999 da World Wide Web: ector.colorado.edu
- Williams, K., Chambers, M., Logan, S., & Robinson, D. (1996). Association of common health symptoms with bullying in primary school children. *British Medical Journal*, 313, 17-19.

RESUMO

O presente estudo pretende caracterizar e diferenciar os jovens provocadores e vítimas nas escolas portuguesas. Numa amostra nacional representativa analisaram-se os comportamentos de bullying nas es-

colas portuguesas, através de uma adaptação do questionário português «Comportamentos de Saúde em Jovens em Idade Escolar». Os resultados são consistentes com os de outros estudos sobre a diferença entre sexos, idades e anos de escolaridade – os rapazes, os mais novos e os de anos de escolaridade mais baixos estão mais envolvidos no bullying. Confirmam-se as características dos provocadores, das vítimas e das vítimas provocativas referidas também na literatura existente e apresentam-se os determinantes para os comportamentos de provocação e de vitimação.

Palavras-chave: Bullying, provocadores, vítimas, escola, pares, adolescentes.

ABSTRACT

The present study has been achieved in order to

characterize and to show the difference between young bullies and their victims in Portuguese schools. It is an analysis on a national representative sample of bullying behaviours in Portuguese schools by adapting the Portuguese questionnaire on «Health Behaviours in School-aged Children».

The results confirm other studies, taking in account the differences between sex, age and scholarship. The younger boys and those with lower scholarship are more involved in bullying. The characteristics of bullies and their victims are confirmed, as referred in existing literature, and the causes for bullying and victimization behaviours are described.

Key words: Bullying, bullies, victims, school, peers, adolescents.